

RUMO AO SUCESSO: PERCEPÇÃO PARA UM PROPÓSITO DE VIDA

PATH TOWARDS SUCCESS: PERCEPTION FOR A PURPOSE OF LIFE

Débora Oliveira Pereira 1

Neusa Haruka Sezaki Gritti 2

Gay Thomson 3

Renan Antônio da Silva 4

Resumo: O processo de elaboração de textos costuma ser visto como um grande desafio para jovens e adultos. Muitas vezes, as dificuldades em redigir decorrem de premissas sedimentadas que impõem limitações nos indivíduos. Algumas metodologias se mostram mais eficientes na superação dessas dificuldades, entre elas, a elaboração de redações que tratem de temas nos quais os alunos estejam emocionalmente envolvidos. O presente artigo relata os resultados obtidos a partir de redações produzidas por alunos de uma instituição de ensino superior, nas quais eles expunham suas expectativas e superações, refletindo a importância do ensino superior nas vidas dos estudantes. Verificou-se que redações que tenham como tema principal a vida ou experiências pessoais dos alunos pode ser uma ferramenta importante para envolvimento do discente na elaboração de redações. Pode ser vista ainda como uma metodologia interessante para envolver o aluno com a disciplina, na medida em que possibilita um espaço para que o aluno exponha suas opiniões

Palavras-chave: Produção textual. Ensino superior. Motivação.

Abstract: The writing process is often seen as a major challenge for young people and adults. Often, the difficulties in writing result from solid assumptions that impose limitations on individuals. Some methodologies are more efficient in overcoming these difficulties, among them, the elaboration of essays that deal with themes in which students are emotionally involved. This article reports the results obtained from essays produced by students of a higher education institution, in which they exposed their expectations and overcoming, reflecting the importance of higher education in the lives of students. It was found that essays with the students' personal life or experiences as their main theme can be an important tool for student involvement in the elaboration of essays. It can also be seen as an interesting methodology to involve the student with the discipline, as it allows a space for him/her to expose opinions.

Key words: Writing. University Education. Motivation.

1- Mestre em Administração de Empresas pela PUC/SP. Bacharel em Propaganda, Publicidade e Criação com Habilitação em Marketing pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atuação docente em cursos de nível superior. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7118295967222771>. E-mail: deboraoop@hotmail.com

2- Possui graduação em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes (1973), graduação em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes (1980), mestrado em Psicologia Escolar pela Pontifícia Universidade Católica (1998) e doutorado em Psicologia como ciência pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2001). É professor assistente-doutor pela Universidade de Mogi das Cruzes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4358629084539767>. E-mail harukane@yahoo.com.br

3- Specialise in nineteenth-century Mexican and Spanish regional history. Doctoral research focussed on economic and social change in Puebla de los Angeles (Mexico) over the late colonial and early republican periods. Research then shifted to Puebla's northern Sierra region focussing on the rise of Liberal leaders through their control of indigenous communities and mastery of the National Guard during the civil and patriotic wars of the 1850s to 70s. E-mail: guythomson1861@gmail.com

4- Doutor em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara. Com 9 pós-doutorados. Docente Permanente do PPG em Políticas Públicas da UMC e Pesquisador do Departamento de Pesquisa do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5491042310888384>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1171-217X>. E-mail: r.silva@unesp.br

Introdução

Grande parte das pessoas considera a formulação de textos uma atividade difícil. É muito comum terem dificuldade em formular textos coerentes, apresentando ideias confusas e argumentos superficiais.

A leitura também costuma ser vista como uma atividade pouco prazerosa entre os brasileiros e o hábito de leitura não faz parte do cotidiano da maioria das pessoas. Os poucos livros lidos ao longo da vida muitas vezes o fizeram apenas para o cumprimento de tarefas escolares, raramente por iniciativa pessoal.

Além disso, tradicionalmente, o ensino de Português tem um foco extremamente teórico e se distancia muito da prática. Solicitar ao aluno para elaborar um texto sem deixar claro para quem esse texto está sendo elaborado e em qual contexto será lido, colabora para tornar esse processo ainda mais difícil.

Diante disso, o presente trabalho busca levantar os motivos pelos quais as atividades de escrita e leitura são vistas como árduas, ao mesmo tempo em que busca demonstrar a aplicação prática de uma metodologia para auxiliar os professores na superação desses desafios.

Desafios presentes na formulação de textos

A diversidade de pessoas presentes na sala de aula é um grande desafio para criar um ambiente propício à elaboração de textos e à leitura. Os alunos possuem, em sua maioria, um ambiente familiar no qual a comunicação informal e o uso de termos coloquiais são a regra. No entanto, quando estão inseridos no ambiente escolar, são cobrados a formular conteúdos exclusivamente na norma culta, em uma postura que coloca o repertório atual do aluno como inferior ou errado. De acordo com Almeida (2011, p. 14) “Miséria social e miséria de língua confundem-se”. O autor defende que a língua é uma produção social e o ensino de Português volta-se ao ensino da norma culta da língua, em uma postura que demonstra uma clara opção por uma determinada forma de escrita como superior às demais.

No entanto, ao deparar-se com uma sala de aula na qual interagem pessoas de diferentes classes sociais e culturas, o professor enfrenta um desafio enorme, uma vez que a visão de mundo do aluno está muito distante daquela vivenciada pelo professor, além de haver diferenças gritantes entre os próprios alunos. Sobre esse tema, Possenti (2011, p. 43) afirma que:

A democratização da escola, ainda que falsa, trouxe em seu bojo outra clientela e com ela diferenças dialetais bastante acentuadas. De repente, não damos aulas só para aqueles que pertencem a nosso grupo social. Representantes de outros grupos estão sentados nos bancos escolares. E eles falam diferente.” [...] “A separação entre a forma de fala de seus alunos e a variedade linguística considerada padrão é evidente.

Para tornar esse ambiente ainda mais complexo, ao longo da vida, a maioria das pessoas tem acesso a ferramentas voltadas à audição, e não à fala ou escrita, principalmente quando a televisão é o principal meio de comunicação na sociedade. De acordo com Almeida (2011), isso somente torna o processo de redigir um texto muito mais difícil, na medida em que a certo público é ensinado que o correto é ouvir e reproduzir modelos prontos, fazendo com que os alunos tenham ainda mais dificuldade em elaborar suas próprias opiniões.

Antunes (2016) argumenta que, embora atualmente haja acesso a muitas formas de comunicação pelos alunos, as escolas atuais ainda dão mais destaque para a comunicação oral, sendo um local no qual ainda se escreve muito pouco. Quando ocorre essa escrita, ela está muitas vezes voltada ao registro daquilo que foi dito oralmente. Da mesma forma, o autor destaca que o aluno ainda lê poucos textos de qualidade, o que se reflete em uma maior dificuldade em produzir textos. Destaca ainda que as políticas das escolas brasileiras não valorizam a produção de textos, sendo que a própria organização do espaço e o número de alunos nas turmas dificultam a execução das ações.

Diante de uma solicitação do professor de formular uma resenha crítica, por exemplo, a dificuldade do aluno não está apenas em encontrar as palavras corretas, mas também em ter as ideias necessárias à formulação do texto. No entanto, de acordo com Gouvea (et al.) (2017, p. 50), é necessário criar [...] “a consciência de que repetir ou apenas reconhecer não significa compreender”. É necessário promover a produção de textos que realmente apresentem argumentação consistente e análise baseada em dados válidos. De acordo com Gouvea (et al.) (2017, p. 50) “muito mais do que colecionar informações, o aluno precisa saber relacioná-las pelo raciocínio lógico e tirar conclusões a partir delas e, para isso, o texto mostra-se imprescindível, pois é um lugar de correlações.”

Além da falta de hábito em formular textos reflexivos, há ainda problemas nas metodologias empregadas, conforme aponta Geraldi (2011, p. 64):

O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos têm se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isso. Se quiser, poderá guardar redações feitas no sexto ano para novamente entregá-las ao professor do sétimo ano, na época oportuna: no início do ano, o título infalível “Minhas férias”, em maio, “O dia das mães”; em junho, “São João”; em setembro, “Minha Pátria”; e assim por diante... Tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança do sétimo ano passa a pensar que só se escreve sobre essas “coisas”.

Ressalta-se, ainda, que os alunos que estão hoje nas salas de aula já possuem o hábito de utilizar a Internet para solucionar a maioria de seus problemas. Basta uma pesquisa superficial no Google e o aluno encontrará fórmulas prontas, resumos de livros, análise das personagens, descrição do perfil dos autores, entre diversos outros conteúdos. Diante dessa nova realidade, é adequado que o professor repita as mesmas perguntas feitas ano após ano a respeito dos mesmos livros? Qual é a chance de o aluno copiar as respostas prontas da Internet – mesmo efetuando pequenas adaptações para não incorrer em plágio? As resenhas e resumos tradicionalmente solicitados não atendem mais a realidade atual.

Ainda tratando dos tipos de textos que se solicita aos alunos produzirem, nota-se que tal solicitação é feita fora de contexto. Para quem estou escrevendo? Em qual contexto o texto será empregado? Na falta dessas respostas, o aluno conclui que o texto está voltado ao professor e passa a reproduzir uma redação no formato que ele considera que será mais aceito pelo professor, e não uma redação livre, que dá espaço para apresentar suas próprias ideias.

Referindo-se à falta de clareza sobre para quem o texto é redigido Brito (2011, p. 120) afirma:

[...] o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota).” O autor ressalta ainda que o aluno tende a usar termos mais elaborados, mesmo que não costume utilizá-los habitualmente, apenas para agradar o professor e mostrar para ele que conhece aquele termo. Da mesma forma, tendem a produzir textos longos, ainda que vazios de reflexões efetivas, apenas para cumprir o número de linhas exigidas pelo professor. Tais abordagens fazem com que a criação de textos perca o seu aspecto lúdico, que traz consigo o prazer de escrever. Torna-se apenas o cumprimento de um dever, dentro de regras claramente definidas. Geraldi (2011, p. 63) “Importa que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler, não em razão de cobranças escolares.

Geraldi (2011, p. 65) aponta:

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido por apenas uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?

Antunes (2016) aponta ainda que há diversos mitos sobre a produção de textos, o que aumenta a ansiedade do aluno na produção. Um deles é a crença de que a elaboração de boas redações é um dom e de que escrever é uma atividade difícil e de que escrever bem é escrever sem erros. Conforme aponta Leite (2011, p. 24): [...] “na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundos determinados moldes; por isso não lêem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e deixam fixar a sua riqueza numa mensagem definida.”

Quanto à leitura, os alunos são direcionados a obras determinadas pelo professor, e não a escolhem por livre interesse, mas por obrigação. Seria mais interessante se o professor tivesse liberdade para inserir entre os livros algumas obras atuais que tratasse de temas mais pertinentes à realidade social enfrentada pelos alunos em determinada escola. Isso geraria mais interesse pela leitura das obras, além de gerar a possibilidade de debates em sala que ampliassem a visão de mundo do aluno e os ensinassem a respeitar opiniões diferentes.

No que se refere à leitura proposta pelos professores, Possenti (2011) afirma que a escolha dos clássicos para uso em sala de aula esquece de que mesmo esses clássicos passaram pelo julgamento social de sua época, e muitas vezes foram consideradas obras inferiores ou inadequadas. Isso leva ao questionamento dos motivos que levam a não escolher obras que já são lidas pelos alunos no seu dia a dia, como os quadrinhos.

Além dos diversos desafios expostos, Antunes (2016) destaca o fato de que os professores não possuem o tempo necessário para atender a preparação de atividades e correção adequada dos textos. Outro fator apontado por Santos e Teixeira (2016) é a dificuldade dos professores em retirar a subjetividade no processo de correção, fazendo com que suas preferências pessoais interfiram na nota do aluno.

Novas metodologias de ensino

Vê-se, então, que um ensino de Português que traga a realidade do aluno para dentro da sala de aula, dando espaço para que este exponha suas dúvidas e dificuldades, contextualizando a importância do conhecimento se torna ainda mais relevante dentro do contexto social apresentado hoje no Brasil. Possenti (2011) expõe que os programas deveriam estar baseados nos erros dos alunos e no que de fato precisa ser ensinado. Apenas cumprir os programas, sem considerar as dificuldades dos alunos, torna ainda mais difícil o alcance dos objetivos de capacidades, habilidades e conhecimentos. As metodologias aplicadas para o ensino de Português, baseadas na leitura de livros clássicos, fichamento ou resenhas, além de listas de exercícios, correção e punição caso o aluno cometa erros. Quanto a este tema, Possenti (2011, p. 36) traz como exemplo a maneira como as crianças aprendem a falar:

Como aprenderam? Ouvindo, dizendo e sendo corrigidas quando utilizam formas que os adultos não aceitam. Sendo corrigidas: isso é importante. No processo de aquisição fora da escola existe correção. Mas não existe reprovação, humilhação, castigo, exercícios, etc.

De acordo com Antunes (2016), para melhorar a produção de textos, é necessário deixar claro para o aluno o tema sobre o qual o texto deve ser desenvolvido, o objetivo do texto, o destinatário, o contexto de circulação do texto, o suporte ou veículo no qual seria divulgado,

os gênero do texto e se a linguagem deve ser formal ou informal. Rodrigues (et al.) sugerem o levantamento de situações relevantes na vida do aluno, que despertem suas emoções, e a produção de textos a partir dessas situações relevantes para o aluno.

Uma alternativa de metodologia, aplicada em uma escola chinesa para auxiliar o ensino de matemática, mas que poderia ser facilmente adaptado à disciplina de língua Portuguesa: a professora fixava nas paredes folhas de sulfite com os erros mais comuns cometidos por alunos (sem citar nomes). Assim, vendo que o colega possui a mesma dificuldade, o aluno percebe a sua limitação e procura corrigi-la. O mesmo poderia ser feito empregando as palavras nas quais é mais comum cometer erros, frases formuladas de maneira inadequada, entre outros. (GLOBONEWS EM MOVIMENTO, 2019).

Metodologias ativas de ensino também podem auxiliar muito os professores. De acordo com Cortelazzo (et al) (2018, p 95), neste tipo de metodologia [...] “são os estudantes que procuram o conteúdo do que estudar. O professor dá sugestões do itinerário formativo e tira eventuais dúvidas que venham a surgir ao longo do caminho de aprendizagem”. Em experiências pessoais ministrando aulas de outras disciplinas, utilizando esse tipo de metodologia, vem me levando a concluir que os alunos gostam de ser desafiados.

Competições entre grupos, jogos cooperativos, atividades que geram dinâmica em sala de aula ao mesmo tempo em que reforçam conceitos, costumam prender a atenção do aluno na aula e fazem com que eles tenham maior interesse em apreender o conteúdo. Além disso, o espírito de competição pode levá-los a buscar superar suas próprias limitações. Conforme expõe Possenti (2011, p. 36) “Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas.”

Geraldi (2011) apresenta como proposta a publicação de um livro utilizando as histórias escritas pelos alunos. Isso traz uma visão de objetivo claro para a produção do texto, além de valorizar a produção dos alunos. Para os alunos de mais idade, é possível solicitar a elaboração de cartas solicitando emprego, o que permite uma visão mais adequada sobre a importância de aprender a redigir adequadamente esse tipo de material.

Outro aspecto é transformar a correção em uma oportunidade de aprendizagem e não um momento de punição. Nesse sentido, Santos e Teixeira (2016, p. 24) afirmam que “Convém destacar que o professor deve explicar esses critérios para os alunos conhecerem não só as exigências de um bom texto, mas também entenderem a correção e a avaliação realizadas.” Antunes (2016, p. 17) defende que o professor deve [...] “não centrar a revisão num trabalho de mera correção gramatical e ortográfica, conforme propõem alguns livros didáticos, o que só faz reforçar a compreensão ingênua de que escrever bem, em qualquer circunstância, é escrever sem erros.”

Para Santos e Teixeira (2016) o atendimento deve ser individualizado e focado nos erros cometidos pelos alunos. Santos e Teixeira (2016) sugerem que os textos sejam reescritos individualmente ou em duplas para melhorar a produção. A proposta é complementada por Pereira (2016 pp. 60-61):

A correção ou qualquer nome mais palatável torna-se necessária, sempre que possível, na presença do aluno, cuidando-se para não influenciar ou mudar radicalmente o estilo do escritor, impondo-lhe uma estética que não é a dele. Outra providência é comunicar o aluno o que se avaliará, que critérios valerão, definindo e diferenciando bem os conceitos de errado e de inadequado.

Aplicação prática

Diante das diversas abordagens teóricas apresentadas, foi elaborada uma atividade voltada aos alunos do primeiro semestre de um curso ministrado na FATEC de Itaquaquecetuba, na qual os alunos deveriam, primeiramente, elaborar um texto contendo ao menos quatro parágrafos e quarenta linhas, no qual deveriam descrever um fato real que marcou positivamente sua vida.

Em seguida, os alunos eram convidados a responder algumas perguntas sobre o grau

de dificuldade enfrentado durante a elaboração do texto, o tipo de dificuldade enfrentada, as ferramentas utilizadas para superar o problema e como o aluno se sentiu no processo de elaboração do texto.

O intuito dessa atividade tem como base as teorias apontadas por Marquesi et al. (2017), defendendo que a elaboração de textos baseados em temas que tenham relevância para o aluno, principalmente ao abordar assuntos nos quais estejam emocionalmente envolvidos, pode fazer com que haja um maior envolvimento na atividade de escrita, ao mesmo tempo em que o aluno se sente valorizado pela possibilidade de expor suas opiniões, sentimentos e sua história de vida.

O foco da análise volta-se ao conteúdo das redações, embora tenham sido encontrados diversos erros, estes não eram a questão central da pesquisa.

As redações apresentadas pelos alunos parecem corroborar o pressuposto teórico tomado como base. 48% dos respondentes considerou a tarefa de elaboração dos textos fácil, frente a 35% que considerou a tarefa difícil e 17% que a considerou indiferente. Dentre as principais dificuldades encontradas foram citadas: encontrar as palavras adequadas e a organização das ideias, ambos indicados por 35% dos alunos.

Embora alguns alunos tenham enfrentado dificuldade na elaboração do texto, a grande maioria não buscou nenhuma ferramenta para auxiliar na superação de suas dificuldades, representando 74% dos alunos. Dentre os que buscaram algum tipo de ferramenta, 13% dos alunos fizeram buscas na Internet. Diante das respostas obtidas, verifica-se que há uma oportunidade de trabalhar junto aos alunos as diversas ferramentas disponíveis para que estes possam superar as dificuldades enfrentadas durante a elaboração de um texto.

Quando questionados sobre como se sentiram durante a elaboração do texto, a grande maioria afirmou ter se sentido bem durante a elaboração da atividade. Além disso, verificou-se um grande envolvimento dos alunos na elaboração da tarefa, o que é demonstrado por algumas frases dos alunos:

“Emocionada por contar uma história importante para mim.”

“O sentimento de que posso ir longe, sem me preocupar com a aprovação de terceiros.”

“Realizada, lembrei minha trajetória e consegui redigir o texto até o fim, mesmo com algumas dificuldades.”

“Com satisfação por contar essa parte da minha vida.”

“Revivendo o momento.”

Além dos elementos apresentados, outro aspecto muito interessante identificado no estudo se refere à análise dos temas escolhidos pelos alunos para as suas redações. Os temas muitas vezes refletiam assuntos difíceis de serem abordados e que realmente expunham algumas feridas ou superações dos alunos. Temas relacionados a assuntos familiares foram amplamente tratados, bem como assuntos religiosos. Mas foi interessante notar como grande parte dos alunos optou por escolher como tema o fato de ter sido aprovado no vestibular como uma grande vitória pessoal. Uma aluna, além de tratar da importância de ter sido aprovada no vestibular, também ressaltou que a própria capacidade de estar elaborando a redação era um exemplo de superação.

Os alunos acabaram por expor de fato as suas vidas, relatando pessoas queridas que já não estão mais junto delas, o nascimento de filhos, amores não correspondidos, a participação e acolhimento em grupos religiosos, o primeiro emprego, uma gravidez na adolescência. Todos esses assuntos demonstram como os alunos esperam um espaço para mostrar a sua história, falar de sua vida, de seus momentos de dificuldade e suas conquistas. A elaboração de uma

redação pode ser o espaço que eles encontram para mostrar quem são e o que buscam no ensino superior.

Diante do exposto, verificou-se que redações que tenham como tema principal a vida ou experiências pessoais dos alunos pode ser uma ferramenta importante para envolvimento do discente na elaboração de redações. Pode ser vista ainda como uma metodologia interessante para envolver o aluno com a disciplina, na medida em que possibilitará um espaço para que o aluno exponha suas opiniões. A partir desse material o professor poderá elaborar atividades voltadas à superação das dificuldades identificadas nos textos, ao mesmo tempo em que conhecerá melhor o perfil dos alunos. Sugerimos que seja promovida a elaboração de redações no início e ao término de cada semestre, primeiramente para que o professor levante as expectativas e a história de cada aluno, e ao término do semestre, para que o próprio aluno tenha espaço para analisar sua evolução e para que o professor verifique o desenvolvimento do aluno.

Referências

ALMEIDA, M. J. (org). **O texto na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2011.

ANTUNES, I. **Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita**.

In:

COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (org.). **Ensino de produção textual**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BRITO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: ALMEIDA, M. J. (org). **O texto na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2011.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (org.). **Ensino de produção textual**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CORTELAZZO, A. L. **Metodologias ativas e personalizadas de aprendizagem**: para refinar seu cardápio metodológico. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

GERALDI, J. W. **Unidades básicas do ensino de português**. In: ALMEIDA, M. J. (org). **O texto na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2011.

GLOBONEWS EM MOVIMENTO. Temporada 2. Episódio 9: **Educação do futuro**. 13 ago. 2019.

GOUVEA, L. H.; PAULIUKONIS, A. L.; MONNERAT, R. **Texto, cotexto e contexto: processos de apreensão da realidade**. MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M.; COSTA, A. C. (org.). **Linguística textual e ensino**. Saulo Paulo: Contexto, 2017.

LEITE, L. C. M. **Gramática e literatura**: desencontros e esperanças. In: ALMEIDA, M. J. (org). **O texto na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2011.

MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M.; COSTA, A. C. (org.). **Linguística textual e ensino**. Saulo Paulo: Contexto, 2017.

PEREIRA, M. T. G. **Ideias e práticas na produção textual**. In: COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (org.). **Ensino de produção textual**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016

POSSENTI, S. **Sobre o ensino de Português na escola**. In: ALMEIDA, M. J. (org). **O texto na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2011.

RODRIGUES, M. G.; GOMES NETO, J.; COSTA, A. C.; FABIANO-CAMPOS, S. Ateliê de escrita: a emoção como fonte motivadora. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M.; COSTA, A. C. (org.). **Linguística textual e ensino**. Saulo Paulo: Contexto, 2017.

PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M.; COSTA, A. C. (org.). **Linguística textual e ensino**. Saulo Paulo: Contexto, 2017

SANTOS; L. W.; TEIXEIRA, C. S. **Correção e avaliação de textos**. In: COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (org.). Ensino de produção textual. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

Recebido em 23 de abril de 2020.
Aceito em 2 de junho de 2020.